



Universidades Lusíada

Saraiva, Luís Eduardo Marquês, 1956-

Turquia e Rússia : reforço mútuo do poder na Europa

<http://hdl.handle.net/11067/2957>

<https://doi.org/10.34628/zknf-dt36>

Metadados

Data de Publicação	2015
Resumo	A Turquia poderá vir a encontrar na Rússia aquilo que lhe tem sido negado pela União Europeia – participação nas grandes decisões regionais que afetam a Europa. Com um processo de adesão à UE a eternizar-se, com o aflorar de um caminho cada vez mais nítido de abandono do tradicional laicismo estatal e com a instabilidade regional a propagar-se rapidamente, a Turquia parece sentir a necessidade de procurar novas alianças de forma a poder redefinir as suas linhas de ação para o futuro, encontrando...
Palavras Chave	Turquia - Política e governo - Século 21, Turquia - Relações externas - Rússia, Rússia - Relações externas - Turquia
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 12 (2015)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T09:32:40Z com informação proveniente do Repositório

**TURQUIA E RÚSSIA:
REFORÇO MÚTUO DO PODER NA EUROPA**

Luís Eduardo Saraiva
Professor Auxiliar da Universidade Lusíada de Lisboa
saraiva_luis@hotmail.com

Resumo: A Turquia poderá vir a encontrar na Rússia aquilo que lhe tem sido negado pela União Europeia – participação nas grandes decisões regionais que afetam a Europa. Com um processo de adesão à UE a eternizar-se, com o aflorar de um caminho cada vez mais nítido de abandono do tradicional laicismo estatal e com a instabilidade regional a propagar-se rapidamente, a Turquia parece sentir a necessidade de procurar novas alianças de forma a poder redefinir as suas linhas de ação para o futuro, encontrando energias tanto para resolver os seus problemas internos como para se tornar uma potência regional credível. Será que o reforço das relações com a Rússia poderá ajudar a Turquia a garantir o papel de ator regional que ambiciona?

Dessa vontade turca decorrerão as iniciativas de reforço de ligação à Rússia, por esta potência ser um parceiro com interesses claros na região e que usa de muito pragmatismo na defesa da sua política de segurança e defesa. Por outro lado a Rússia tem muito a ganhar com o reforço das relações com a Turquia. Em primeiro lugar, poderá reforçar a certeza de que os estreitos (Bósforo e Dardanelos) manterão a porta aberta para a esquadra russa do Mar Negro. Depois, a ligação à Turquia poderá também tornar mais segura a continuação da utilização de facilidades para os seus navios na Síria, no porto de Tartus. Um terceiro aspeto será a possibilidade de maior intervenção nas rotas energéticas do Sul euroasiático para a Europa. E aqui o interesse não é apenas o controlo da energia com origem na bacia do Mar Cáspio, pois outra vertente muito interessante se começa a delinear – as rotas terrestres de petróleo e gás natural dos países do Golfo Pérsico para os países da União Europeia. Com o aumento da importância destas rotas, a Turquia ganhará visibilidade e relevância, por um lado, e a Rússia terá a oportunidade, através do reforço dos laços com a Turquia, de controlar mais uma forma de abastecimento de energia para a Europa Ocidental, por outro.

Palavras-chave: Poder duro, poder brando, Turquia, Rússia.

Abstract: Turkey may find in Russia what has been denied by the EU – a participation in the major decisions that affect Europe. While its accession process to EU seems to eternalise, and, at the same time, an increasingly clear path is being exposed perhaps leading to the abandonment of the traditional Turk state laicism, together with the fast propagation of regional instability, Turkey seems to feel the need to search for new alliances that will help to redefine its action lines for the future, finding energies both to solve its domestic problems

and to become a credible regional power. The reinforcement of the relations with Russia will help Turkey to guarantee its role as regional player that it wants so much?

From that Turkish will, initiatives of reinforcement of the links with Russia may be born, because this power is a major partner having clear interests in the region and using strong pragmatism in the defence of its security and defence policy. In the other hand, Russia has a lot to gain with the reinforcement of the relations with Turkey. First of all, it can reinforce its certainty that the Straits (Bosporus and Dardanelles) will be kept open for the Russian fleet of the Black Sea. Furthermore, the liaison to Turkey may make more secure the continuation of the use of the facilities at the Sirian port of Tartus. A third aspect is the possibility of a greater intervention in the energy routes from the Southern Eurasia to Europe. And here the main interest is not the mere control of energy originated from the Caspian Basin, because other very interesting aspect is being delineated – the land routes of oil and natural gas coming from the Persian Gulf to the countries of the EU. With the increasing importance of these routes, Turkey will gain visibility and relevance, on the one hand, and Russia will have the opportunity, through the strengthening of ties with Turkey to control another form of energy supply to Western Europe, on the other hand.

Key-words: Hard power, soft power, Turkey, Rússia.

INTRODUÇÃO

Devido ao crescente desencanto com o processo de adesão, a Turquia poderá vir a encontrar na Rússia aquilo que lhe tem sido negado pela União Europeia – um lugar à mesa onde se tomam as grandes decisões regionais que afetam a Europa. Com um processo de adesão à UE a eternizar-se (desde 1967), com o encetar de uma caminhada cada vez menos subtil de abandono do tradicional laicismo estatal, herança de Atatürk, e, além disso, com a instabilidade regional a propagar-se rapidamente, muito devido ao sucesso da violenta campanha do Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS)¹, ou Daesh, a Turquia tem de procurar reforçar velhas alianças, ou buscar novas, de forma a poder redefinir as suas linhas de ação para o futuro, encontrando energias tanto para resolver os seus problemas internos como para reforçar a sua imagem de potência regional credível. E, se há alguns anos, a Turquia era vista pela comunidade internacional (e muito principalmente pelo Ocidente) como um seu membro de pleno direito, ou seja, um país amigo e um aliado fiável, forte e estável, alguns indicadores parecerão demonstrar que nos últimos anos este entusiasmo tenha vindo a esmorecer. Um primeiro e simples facto demonstrativo desta mudança é que parece já não fazer parte das preocupações turcas a incapacidade de resolução da questão da denominada “república turca do Chipre”. Um outro poderá ser a questão das relações estáveis com Israel que passavam anteriormente até mesmo pela cooperação militar e que tiveram um grande esfriamento devido após o incidente com a flotilha turca ocorrido nas proximidades da faixa de Gaza.² Depois, a questão curda está longe de estar resolvida e, se a nível interno, as ações violentas atribuídas aos curdos da Turquia não têm tido desenvolvimentos recentes, nas vizinhanças do país as iniciativas dos curdos ao enfrentarem o expansionismo do Daesh têm-lhes granjeado admiração e vantagens ao nível políticos e mesmo geoestratégico. A Turquia também não reconhece a sua responsabilidade na questão do chamado “genocídio arménio”, apesar de um a crescente pressão de vários setores da comunidade internacional.

¹ Ou no Levante (ISIL). Por questões de simplicidade, entre outras, passar-se-á a referir este movimento simplesmente por *Daesh*, neste texto.

² A 31 de maio de 2010, forças militares israelitas abordaram e atacaram navios da chamada “Flotilha da Liberdade”, onde se encontrava um navio de pavilhão turco, o *Mavi Marmara*, que se destinava à Faixa de Gaza, transportando ativistas e ajuda humanitária. O confronto resultou em dez mortos e mais de 60 feridos, tendo vários países convocado os embaixadores de Israel para lhes pedir explicações. A Turquia pediu na altura reuniões urgentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas e da NATO.

Por último, nos últimos tempos, e devido à forte instabilidade regional provocada pela ascensão do movimento do Daesh, a Turquia viu mais uma vez a sua imagem degradar-se devido à incapacidade, ou à demasiada hesitação, em resolver um dilema: ou apoiar o combate às forças do ISIS na Síria, incluindo o apoio a forças curdas, vindas principalmente do Iraque ou do Irão, ou negar qualquer envolvimento das suas forças na questão síria, para não reconhecer o envolvimento formal dos curdos, e perder grande parte da sua credibilidade internacional e da oportunidade de mostrar a sua capacidade para resolver questões regionais, como a potencia que quer ser vista como tal. No primeiro caso, enfraquecerá a sua capacidade objetiva de manter sob mão de ferro a questão curda. No segundo caso, provocará o agravamento das antipatias que poderão levar a um reforço do apoio internacional à causa curda, o que poderá levar ao agravamento da crise interna. Daí, parece, a utilidade de recorrer a um parceiro com interesses claros na região e que usa de muito pragmatismo na defesa da sua política externa e, nomeadamente, de segurança e defesa – a Rússia. Parece claro que este país tem muito a ganhar com o reforço das relações com a Turquia. Por um lado, poderá vir a reforçar a sua capacidade naval no Mediterrâneo Oriental com a legitimação (ou melhor, o sancionamento por uma potência regional) da utilização das facilidades navais no porto sírio de Tartus. Por outro, poderá garantir que os estreitos (Bósforo e Dardanelos) continuarão a manter a porta aberta para a passagem da esquadra russa do Mar Negro. Um terceiro aspeto muito importante é o controlo das rotas energéticas terrestres do Sul euroasiático para a Europa. Aqui o interesse não é apenas uma maior intervenção no fluxo de energia com origem na bacia do Cáspio. Na verdade, outra vertente muito interessante se começa a delinear – o aumento da importância das rotas terrestres de petróleo e gás natural dos países do Golfo Pérsico para os países da União Europeia (UE), talvez mesmo em detrimento das rotas marítimas tradicionais que saem do Golfo. Com o aumento da importância daquelas rotas, a Turquia ganhará visibilidade e reforçará as suas capacidades de política externa, por um lado, e a Rússia poderá passar a controlar mais uma alternativa do acesso de energia para a Europa Ocidental, por outro.

Pelo exposto acima, parece que a intensificação das relações com a Rússia irá inevitavelmente reforçar o papel da Turquia como ator regional. Mas irá na realidade isto acontecer? Esta é uma questão fundamental que este texto procurar esclarecer. Outras questões que se lhe associam merecem alguma atenção. Será que esta aproximação à Rússia é um indicador de que a Turquia já está à procura de alternativas à adesão à UE? Ou será que nunca deixou de o fazer, mas só agora nos preocupamos com isso?

E se a Turquia vir assim realmente reforçado o seu papel na região, não será isso à custa de ter de passar a contar com a Rússia, incontornavelmente, para decidir sobre questões importantes da sua política externa? E assim, não perderá a Turquia a sua liberdade de ação na região, nomeadamente a capacidade de decidir qual a estratégia regional que melhor serve os seus interesses?

Estas questões têm sido levantadas por debates que têm tido lugar no mundo

académico e nos centros de decisão política.³ Alguns vêm a Turquia afastar-se da UE devido ao grau de desapontamento criado com a eternização do processo de adesão à UE. Outros afirmam que a herança de Atatürk está em perigo com a crescente importância da religião na vida política nacional. Outros ainda apontam a agressividade da estratégia da Rússia para conter o projeto de diversificação das fontes energéticas, sendo a Turquia um mero ator secundário no confronto entre a Rússia e a UE. O mais importante objetivo geopolítico da Rússia seria então manter o seu papel de supremacia sobre os mercados europeus de petróleo e gás natural enquanto o objetivo geoestratégico da Turquia seria assegurar a sua segurança energética, por ser muito pobre em petróleo e gás natural. Adicionalmente, a Turquia quer ser o entreposto exclusivo entre o Médio Oriente e a Europa, de forma a gerar grandes lucros em taxas de passagem, e ser capaz de obter melhores preços com os países ricos em petróleo e gás natural, que dependem da Turquia para as vendas. A agir assim, a Turquia também aumentaria o seu poder regional, enquanto a Europa ficaria mais dependente da Turquia (Alhadeff. 2015).

Segundo Wiliam Engdahl, há um outro ator relevante nesta questão da relação entre a Rússia, a Turquia e a UE. Para a administração Obama, a Rússia e a UE estabeleceram laços económicos demasiado fortes, o que criaria dificuldades à capacidade norte-americana de controlar a UE. Trabalhando a favor dos EUA, segundo Engdahl, a Comissão Europeia estaria a violar todos os preceitos legais ao tentar aplicar, retroativamente, novas regulamentações que reclamam que a Gazprom terá violado. Após isso, terão forçado o fraco governo da Bulgária, no ano passado, a rescindir o seu contrato com a Gazprom (Engdahl. 2015)⁴.

A visita de Putin à Turquia em dezembro de 2014, enquanto decorriam reuniões de alto nível em todo o mundo visando discutir e tentar apresentar soluções para a violenta expansão territorial do Daesh, atraiu a curiosidade de académicos, jornalistas e políticos e levou ao aparecimento de várias interpretações⁵.

³ Cf. Iakovos Alhadeff. 2015. Cf. também diversos trabalhos de F. William Engdahl.

⁴ Embora não seja objetivo desta análise perceber qual o papel dos EUA na relação entre a Turquia e Rússia, é útil tentar entender algumas das ligações e seus efeitos. Conforme nota Engdahl, os adversários russos em Washington têm vindo a regozijar-se enquanto imaginam virem a conseguir obter um acordo nuclear com o Irão, aliado da Rússia, que poderia levar Teerão a atrair o Moscovito e vender gás iraniano do campo de South Pars, o maior campo de gás do mundo, através de outro gasoduto passando pela cidade iraniana de Bazargan na fronteira com a Turquia de onde poderia passar pela Turquia em direção à Grécia e à Itália. Ao contrário do projeto norte-americano Nabucco a que faltou o gás, o gasoduto iraniano, onde o Irão seria tolo se deixassem os EUA o seu controlo, teria gás, muito gás que enfraqueceria a forte posição da Rússia nos mercados europeus de gás anteriormente abastecidos via Gazprom, através dos velhos gasodutos que passam pela Ucrânia (Engdahl. 2015).

⁵ Uns denegrindo e outros aplaudindo esta aproximação. Afirmava Can Erimtam, em 2014, que o Presidente turco Erdogan parecia com vontade de executar uma dança de alianças envolvendo a Rússia, o Turquemenistão e a UE. Mas tratando-se de comércio e negócios, tudo era muito cordial entre Moscovito e Ankara. Tradução livre do autor. No original: *Turkey's President Erdogan seems willing to perform an unlikely dance of alliances involving Russia, Turkmenistan and the EU. But when it comes to commerce and trade, it's all cordial between Moscow and Ankara.* (Can Erimtam. 2014. Putin in Turkey: Russian Bear basking in Turkey's Crescent [em linha] Disponível em <http://rt.com/op->

Na realidade esta visita exponenciou a curiosidade geral sobre o que se está a passar na Turquia. Embora na perspetiva de alguns círculos turcos esta visita tivesse servido para reforçar os laços entre os dois países, essencialmente à volta dos interesses mútuos nas questões da geopolítica energética, na verdade há quem aponte a importância desta relação para o alcançar de uma solução para a Síria e, portanto, para anular a ameaça do ISIS.

É muito importante tentar descortinar o que realmente se passa nos corredores da política externa dos dois países, nomeadamente se a intensificação das relações entre eles está a reforçar o papel regional da Turquia, para que se possa entender a evolução geopolítica da região e, mais importante ainda, para ajudar a antever soluções para a crescente insegurança nas vizinhanças do flanco sudoeste da UE.

Também é importante para a UE encontrar fórmulas viáveis para emprego das políticas de PCSD na região, assim como será útil identificar quais as ameaças, nomeadamente as relacionadas com as questões energéticas, a que a UE terá de fazer frente, o que constitui também uma das finalidades da análise que se segue.

Essencialmente, este artigo explora a hipótese de que a aproximação entre a Turquia e a Rússia se materializará atualmente devido ao encontro de interesses: do lado da Rússia, uma forma de manter e mesmo reforçar a sua presença na região e de limitar as opções de fornecimento energético da UE que não passem pelo seu controlo. Do lado da Turquia, uma vontade de encontrar alternativas viáveis para a sua estratégia de adesão à UE e, além disso, uma forma de recuperar algum do prestígio e relevância de outrora, do tempo do império otomano. Que o reforço da relação entre estes dois atores poderá vir a ser prejudicial para a UE é um dos conceitos centrais deste artigo.

As respostas a todas as questões acima levantadas poderão ser encontradas tanto nas declarações políticas dos dois países e nos seus documentos fundamentais que tratem de política externa e das suas estratégias, assim como nos trabalhos de análise de académicos, como ainda numa criteriosa (e cautelosa) leitura dos meios de comunicação social.

Para se identificarem claramente os interesses dos dois países, é necessário analisar a postura de cada um relativamente à política externa e nomeadamente os esforços feitos no campo do poder brando (*soft power*). É muito útil utilizar como ferramenta para essa análise os princípios do poder que Joseph S. Nye tem desenvolvido desde que definiu o poder brando, e que tem a sua melhor expressão na sua última obra, “The Future of Power”.

A primeira parte deste texto, sobre o futuro do poder, usa aquela obra de Nye para procurar identificar os pontos de encontro dos interesses de cada país, por forma a reforçar a ideia (e provar a hipótese) de que existe uma convergência de interesses e de objetivos estratégicos dos dois países, materializados em iniciativas

edge/210771-putin-turkey-erdogan-gas/ [Consult. 2 Jul 2015]. Cf. também Ishaan Tharoor. 2014. How Russia's Putin and Turkey's Erdogan were made for each other. The Washington Post [em linha] Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/12/02/how-russias-putin-and-turkeys-erdogan-were-made-for-each-other/> [Consult. 2 Jul 2015].

essencialmente (para já) de poder brando.

Assim, considerando que a Turquia tem sempre feito uso inteligente de poder brando, ao mesmo tempo que desenvolve capacidades de poder duro, na segunda parte são apresentados os indicadores que demonstram que a política externa turca procura realmente maximizar a sua relevância regional, que se estará a afastar do projeto de adesão à UE e que ultimamente procura encontrar outros parceiros estratégicos. Demonstra-se que a questão principal enunciada, de que o reforço da relação da Turquia com a Rússia poderá ajudar a proporcionar àquele país o papel relevante que pretende ter na região, é uma abordagem já adotada frequentemente e que, portanto, tem sido devidamente relevada. Verifica-se ainda que vários autores e analistas referem que a Turquia já anda há algum tempo em busca de um maior reconhecimento regional, busca essa que poderá estar também relacionada com o desencanto turco com a UE.

Na terceira parte procura-se identificar uma mudança da política de poder da Rússia, pelo menos nesta região onde existem interesses turcos, passando do poder duro – que utiliza ainda sempre que necessário – para a utilização de estratégias de poder brando. Analisa-se também a política externa russa no que diz respeito à sua estratégia para a utilização da arma energética e para a reposição da sua importância global, incluindo o seu rearmamento.

Já a última parte procurará brevemente identificar os eventuais efeitos desta aliança no reforço do poder brando da União Europeia e, portanto, também no aumento da relevância da sua política de segurança e defesa. Algumas notas finais chamam a atenção para as principais preocupações que devem ser tidas em conta em Bruxelas e devidamente tratadas.

O FUTURO DO PODER E A RELAÇÃO TURQUIA-RÚSSIA

Como referido acima, o argumento principal deste artigo é de que a intensificação das relações com a Rússia pode reforçar o papel da Turquia como ator regional. O que poderá estar a acontecer, no entanto, é que a Turquia estará a ser condicionada na sua liberdade de ação por iniciativas de exercício de poder da Rússia (poder brando essencialmente), tal como descrito por Nye, o que poderá levar à diminuição da eficácia desse papel da Turquia como ator regional.

Para se verificar se tal se passa realmente, ou seja, se o papel da Turquia como ator regional está a ser reforçado pela sua relação com a Rússia, ou se, pelo contrário, retira àquele país a sua capacidade como ator regional, será necessário identificar os pontos de encontro dos interesses de cada país, por forma a reforçar a ideia (e provar a hipótese) de que existe uma convergência de interesses e de objetivos estratégicos dos dois países. Assim se verificará também se o apoio da Rússia ao reforço do papel da Turquia na região se tem feito à custa da liberdade de decisão da Turquia na sua estratégia para a região, como referem vários autores e analistas.

Na sua mais recente obra *The Future of Power*, Joseph Nye analisa as questões das relações de poder entre duas entidades, num sistema de análise que se considera útil poder aplicar à relação entre a Rússia e a Turquia. Mas antes de se passar ao caso prático da relação entre os dois países, analisemos aquilo que Nye identifica como o poder relacional, ou seja, a relação de poder entre dois países. Nye afirma que há três aspetos (ou faces) desse poder relacional que deverão ser considerados.

Uma primeira face, ou opção, do poder relacional é postulada da seguinte forma: a entidade A usa ameaças ou recompensas para mudar o comportamento de B contra as preferências e estratégias iniciais deste. B sabe disso e sente o efeito do poder de A (Nye. 2012, 33). Nye foi influenciado pelos trabalhos de Robert Dahl, cientista político de Yale, realizados na década de 1950. Dahl afirmava que esta primeira faceta do poder se concentrava na capacidade de conseguir que os outros agissem de forma contrária às suas próprias preferências e estratégias iniciais (Nye. 2012, 33).

Uma segunda face materializa-se no controlo que A exerce sobre a agenda das ações de forma que limita as escolhas de estratégias de B. B pode saber disso ou não e estar ou não consciente do poder de A (Nye. 2012, 34). Como afirma Nye, “pode ser possível moldar as preferências dos outros afetando suas expectativas do que é legítimo ou factível” (Nye. 2012, 34).

Numa terceira face, A ajuda a criar e a moldar as crenças, perceções e preferências básicas de B. É improvável que B tenha consciência disso ou entenda o efeito do poder de A (Nye. 2012, 35). Ou seja, para Nye, “se um ator conseguir que os outros queiram os mesmos resultados que ele, não será necessário anular os desejos iniciais desses outros” (Nye. 2012, 25).

Primeira face	Induzir os outros a fazerem o que de outro modo não fariam (Dahl)	Poder Duro: A Rússia usa a força e recompensa para mudar as estratégias existentes da Turquia.
		Poder Brando: A Rússia usa a atração e persuasão para mudar as preferências já existentes da Turquia.
Segunda face	Estruturação e ajuste de agenda (Bachrach & Baratz)	Poder Duro: A Rússia usa força e recompensa para mudar a agenda da Turquia (quer esta goste ou não)
		Poder Brando: A Rússia usa atração ou instituições para que a Turquia encare a agenda como legítima.
Terceira Face	Moldagem das preferências dos outros (Lukes)	Poder Duro: A Rússia usa força e recompensas para moldar as preferências da Turquia (“síndrome de Estocolmo”).
		Poder Brando: A Rússia usa atração e/ou instituições para moldar as preferências iniciais da Turquia.

Figura 1. As três faces do poder aplicadas à análise da relação entre a Rússia e a Turquia

Analisemos então a relação da Rússia com a Turquia à luz desta interpretação de Joseph Nye, apresentando-as como hipóteses de trabalho. O objetivo deste exercício é procurar identificar qual a verdadeira relação de poder entre a Rússia e a Turquia. Quer isto dizer que se estudam todas as possíveis combinações da teoria de Nye, mas que só uma das combinações corresponderá verdadeiramente à relação de poder entre os dois países.

A) Induzir os outros a fazerem o que de outro modo não fariam

No primeiro aspeto, ou face, do poder relacional, pode considerar-se que a Rússia irá procurar induzir a Turquia a fazer o que de outro modo não faria. Para isso usará a força, a ameaça do uso da força ou recompensas para mudar o comportamento da Turquia contra as suas próprias preferências e estratégias iniciais. A Turquia saberá disso e sentirá o efeito do poder duro da Rússia, ou usará a atração e a persuasão para mudar as preferências já existentes da Turquia, pelo que esta sentirá então os efeitos do poder brando russo.

Façamos então uma breve análise ou verificação desta hipótese. A visita de Putin à Turquia em dezembro de 2014 trouxe como novidade a declaração de que um novo gasoduto seria construído para fornecer gás russo à Europa via Turquia. Esta é parece uma manobra de recompensa da Rússia à Turquia, se este país apoiar as políticas russas contra as tentativas de diversificação das fontes energéticas da UE. Será uma ação baseada no uso da recompensa, do poder duro. Por outro lado, a Turquia reconhecerá que assim se afastará da Europa comunitária, subalternizando alguns aspetos da sua prioridade estratégica que é adesão à UE.

Parece confirmar-se que se verifica a primeira faceta do poder relacional enunciada por Joseph S. Nye. No entanto, serão necessárias outras provas, pois a Turquia poderá aceitar as propostas (e respetivas recompensas) sem mudar a sua estratégia para a região ou a sua estratégia de adesão à UE. Não há, na verdade, que se saiba, outros indicadores de que a Rússia esteja a induzir a Turquia a fazer aquilo que de outro modo não faria. Na verdade, só parcialmente se verifica esta hipótese, pois a Rússia não usa a força nem uma reveladora recompensa para deduzirmos que aplica aqui o seu “poder duro”. Também não há indícios (pelo menos, fortes) de que a Rússia esteja a usar a atração e a persuasão para mudar as preferências já existentes da Turquia. Antes pelo contrário, parece haver consciência pela Turquia de que poderá pressionar a UE se se aliar à Rússia. Mas esta constatação não nos deverá impedir de analisar a relação Turquia-Rússia à luz das outras facetas do poder relacional evocadas por Nye.

B) Estruturação e ajuste de agenda

Aplicando a segunda face, ou aspeto, do poder relacional de Nye às novas dinâmicas da relação entre a Turquia e a Rússia, deverá analisar-se se a Rússia

tenta fazer uma estruturação e/ou ajuste de agenda da Turquia. Assim, analisa-se se a Rússia controla a agenda das ações turcas de uma maneira que limita as escolhas de estratégias da Turquia. Neste caso, a Turquia poderá saber disso ou não e, além disso, estar ou não consciente do poder da Rússia. Na utilização do seu poder duro, a Rússia poderá usar a força ou recompensas para mudar a agenda da Turquia, quer esta goste ou não. Na vertente de uso do poder brando, a Rússia usará a atração ou instituições para que a Turquia encare a agenda proposta como legítima.

Num artigo publicado em dezembro de 2014, pouco depois da visita de Estado de Putin à Turquia, um analista político turco perito em questões energéticas, Emre Iseri, da Universidade Yasar de Izmir, Turquia (citado por Dorian Jones), afirmava não ser claro que Ankara beneficiasse com um novo gasoduto russo. Afirmava mesmo que a Turquia estaria sujeita a uma dupla penalização, porque tanto no nuclear como no gás natural a Turquia ficaria dependente da energia russa. Iseri afirmava que, nesse caso, haveria implicações políticas significativas na região, agravadas até porque a Turquia e a Rússia não têm nada em comum na região. Dava como exemplo os casos da Síria, do Nagorno-Karabak, da Ucrânia e do Chipre, onde os dois países estariam em campos opostos. E ao tornar-se demasiado dependente da Rússia, as perspetivas de a Turquia se tornar um regulador da ordem na região passariam a não ser assim tão brilhantes (Jones. 2014).

Ora, poderá parecer que a Turquia não estará consciente de que a Rússia se está a colocar em posição de poder controlar a agenda turca para a energia. No entanto, isto só acontecerá se a Turquia desistir de ter uma posição negocial forte. Para já, a opção nuclear da Turquia só se viabilizará por meio de um grande apoio financeiro russo num empréstimo de 20 mil milhões de dólares. Ou seja, a opção energética nuclear da Turquia só é viável com apoio da Rússia. Irá a a Turquia estruturar ou ajustar a sua agenda (para a região, relativamente à UE ou como um entreposto de energia) só devido à pressão do poder (duro ou brando) de Moscovo? Parece que não. De qualquer modo, a dependência energética da Turquia continuará a aumentar ainda mais, com a Rússia a construir a primeira central nuclear turca, sendo o custo de 20 mil milhões de dólares financiado por empréstimos russos. O perito em energia Iseri afirma que tal dependência arrisca sacrificar objetivos estratégicos de Ancara (Jones. 2014), ou seja, a Turquia ver-se-á compelida pelo poder duro da Rússia a estruturar ou a ajustar a sua agenda. Para além disso, a assinatura do acordo com a Rússia para a construção de um novo gasoduto não aumenta a autonomia (ou seja, a liberdade) energética da Turquia, pois ficará ainda mais dependente percentualmente do gás russo. A pressão que a Rússia coloca sobre as decisões turcas no campo energético são na realidade um uso do poder duro russo, obrigando a Turquia a alterar a sua agenda. No entanto, há preocupação em Ankara a propósito da dependência energética, com a Rússia a fornecer atualmente 57% de todas as importações de gás. O novo gasoduto proposto poderia mesmo agravar essa percentagem

para 70%” (Jones. 2014). Essas preocupações, se refletidas no processo de decisão política da Turquia, poderão anular ou enfraquecer a capacidade da Rússia estruturar e ajustar a agenda da Turquia a seu favor. Contudo, parece que se verifica, pelo menos por enquanto e apenas parcialmente, mais uma das facetas do poder relacional exercido pela Rússia sobre a Turquia, ou seja, a Rússia tenta controlar a agenda turca das ações sobre as questões energéticas de uma maneira que limita as escolhas estratégicas da Turquia. O que há que discernir é se a Turquia tem plena consciência disso ou não e se tem presente o poder da Rússia neste domínio.

Ou seja, esta hipótese não estará verificada, pelo menos atualmente, mas não se pode afirmar que a Turquia não venha a ceder ao poder russo, seja aplicado de forma branda, seja o poder duro.

C) Moldagem das preferências dos outros

Numa terceira face, ou aspeto, do poder relacional, de Joseph S. Nye Jr., a Rússia ajudará a criar e moldar as crenças, perceções e preferências básicas da Turquia. Nesta abordagem, segundo Nye, é improvável que a Turquia tenha consciência disso ou que entenda o efeito do poder da Rússia. A Rússia poderá usar, como nas hipóteses anteriores, o poder duro e o poder brando. O poder duro, através ainda de força e de recompensas para moldar as preferências da Turquia (de uma forma que poderá vir a provocar neste país algo semelhante ao “síndrome de Estocolmo”), o poder brando pela utilização da atração e ou de instituições para moldar as preferências iniciais da Turquia.

Não existem, por enquanto, indicadores de que esta seja a abordagem da Rússia. No entanto, uma análise posterior mais profunda às declarações políticas russas ou aos seus órgãos de comunicação social poderá vir a fornecer indícios de que esta faceta do poder relacional entre a Rússia e a Turquia possa começar a estar em execução. Para o nível de análise presente neste artigo, considera-se portanto esta hipótese não verificada.

A POLÍTICA EXTERNA DA TURQUIA

Para procurar entender a relação de poder entre a Turquia e a Rússia poderão também procurar-se respostas na política externa turca. A política externa da Turquia apoia-se em eixos claros: processo de adesão à UE, capacidade de mediar as relações entre os atores presentes na região, fazer parte do grupo dos países mais desenvolvidos, pertença à OTAN. Vejamos como procura a Turquia incrementar a sua relevância regional, se se estará a afastar do processo de adesão à UE, e se ultimamente procura outros parceiros estratégicos. A análise para procurar respostas a estas questões passa não apenas pelos estudos de académicos e peritos como também pela leitura atenta de vários documentos e

comunicados oficiais da Turquia. Vejamos, em primeiro lugar, uma análise da sinopse turca sobre a sua política externa.

A política externa turca é levada a cabo através da mobilização de muitos e complementares meios políticos, económicos, humanitários e culturais, e a sua esfera de interesses atingiu uma dimensão global, afirma-se no sítio *internet* dos Negócios Estrangeiros da Turquia (Republic of Turkey. 2014a). Este é um forte indicador de que a Turquia atribui um papel relevante, cada vez mais, ao poder brando, apostando na sua aplicação a nível global. Mas interessa essencialmente analisar a Turquia a nível regional.

Poderá o reforço das relações com a Rússia vir a proporcionar à Turquia o papel relevante que pretende ter como ator regional? Como está isto contemplado na estratégia geral da Turquia ou na sua estratégia para a região? Como tem sido abordada a política externa da Turquia na sua relação com a Rússia?

Para responder a estas questões poderá ser também relevante usar fontes externas aos interesses dos dois atores cuja relação está em análise. Por exemplo, de acordo com o *Times of Israel*, a Rússia e a Turquia aparentam ter sabido até agora proteger as suas fortes relações de disputas potencialmente prejudiciais a propósito das crises na Síria e na Ucrânia (Times of Israel. 2014).

O que parece acontecer é que a Turquia, mesmo na sua relação com a Rússia, tem sempre feito uso inteligente de poder brando, ao mesmo tempo que desenvolve capacidades de poder duro. Procuremos então a existência de indicadores que comprovem, em primeiro lugar, que a política externa turca procura maximizar a sua relevância regional, e, em segundo lugar, que a Turquia se estará a afastar do projeto europeu e, por último, que busca outros parceiros estratégicos, como será o caso da Rússia.

Desde logo, os dois países divergem na posição relativamente à questão síria, em que Putin, por um lado, é o grande apoiante de Bashar Al Assad e Erdogan, por outro, apela à imediata saída do chefe de Estado sírio. Mas, apesar dessa divergência na questão síria, as relações entre os dois países têm sido fortes e não existem indícios de que a Rússia se opõe, por exemplo, à expansão do poder regional da Turquia. A cooperação entre os dois países materializa-se em aspetos tão diversos como o turismo, com quatro milhões de turistas russos visitando anualmente a Turquia, ou a adjudicação à Rússia da construção da primeira central nuclear turca (Times of Israel. 2014).

Conforme é afirmado no sítio *internet* do MNE turco, como um entreposto emergente de energia e um país de importante trânsito, a Turquia joga um papel relevante no que diz respeito à segurança energética global (Republic of Turkey. 2014a), mas a finalidade primária da Turquia será concretizar a sua própria segurança energética. Para isso tem como objetivos diversificar as suas rotas de abastecimento de energia e também diversificar os países de trânsito ou fornecedores, aumentar as cotas de energias renováveis e incluir o nuclear no conjunto das fontes de energia, dar passos importantes para aumentar a sua eficiência energética e contribuir para a segurança energética da Europa (Republic

of Turkey. 2014a).

Durante a visita de Putin à Turquia a 1 de dezembro de 2014, os dois países concordaram em reforçar os laços económicos e Putin anunciou que a Rússia parará a construção do gasoduto South Stream que levaria gás à Europa sem passar pela Ucrânia, e tendo referido a Turquia como seu parceiro preferencial para um gasoduto alternativo. Putin afirmou que aqueles que querem o gás natural russo podem agora comprá-lo à Turquia, pois a Rússia e a Turquia assinaram um acordo para a construção de um entreposto (*hub*) de gás na fronteira da Turquia com a Grécia. As notícias da decisão russa de deixar cair o projeto South Stream causaram preocupação na UE, numa altura em que os países da UE e os Estados Unidos impuseram sanções à Rússia devido à situação na Ucrânia (Today's Zaman. 2014).

Para justificar estar a voltar-se para Ankara, Putin terá dito a Erdogan que estaria farto da atitude dos búlgaros que estariam a criar dificuldades no estabelecimento do *South Stream*, pressionados pelo Ocidente e UE (Deniz Zeyrek. 2014). Esta foi uma cartada de persuasão junto da Turquia, tentando isolá-la de uma frente comum ocidental (EUA e UE) anti russa.

Pouco depois da visita de Putin a Ankara, a Alta Representante da UE para as Relações Externas e vice-presidente da Comissão Europeia, Federica Mogherini, visitou também a Turquia, em 15 de dezembro de 2014, com relevantes tópicos em agenda. O interesse primário desta visita seria, sem dúvida, procurar não deixar que a Turquia “descolasse” da comunidade ocidental, juntando-se à Rússia, com os inevitáveis prejuízos que isso traria à UE. O primeiro tópico da visita era pressionar as autoridades turcas para fazerem mais para ajudar a identificar combatentes estrangeiros que viajam para a Síria, via Turquia, para se juntarem ao Estado Islâmico. O segundo tópico consistia em apelar à Turquia para se juntar à UE nas sanções à Rússia, devido à sua ação na crise ucraniana. Como se vê, a UE continua a pressionar a Turquia com poder brando para se lhe juntar nas sanções, ou pelo menos para não retirar vantagens da atual situação ao exportar certos produtos para a Rússia (Today's Zaman. 2014).

Mas parece que a UE não se deveria preocupar tanto. Uma visita “informal” de uma delegação turca à Crimeia de 27 a 30 de abril de 2015 haveria de causar algum desconforto na relação entre os dois países, levando à divulgação, em 19 de junho, de um comunicado dos Negócios Estrangeiros russos em que se manifestava a estranheza e desagrado por a delegação turca não ter aceitado as sugestões e propostas das autoridades russas (inclusive autoridades locais) para visitarem e contactarem apenas os locais e pessoas sugeridos, inclusive no que concerne às condições de vida dos tátaros ucranianos (Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation. 2015). Esta movimentação independente da Turquia no interior de territórios que são o cerne da dissidência entre a Rússia e a UE mostrará que a Turquia não se deixou intimidar nem seduzir pelas “suaves” pressões do poder brando russo.

Em resumo, constata-se que a estratégia de ação externa da Turquia atribui um incremento de importância à sua relação com a Rússia, parecendo mesmo que a Rússia será na verdade uma alternativa à UE, devido à cristalização do processo de aprofundamento das relações da Turquia com a UE. No entanto, a Turquia tem demonstrado pretender manter a sua liberdade de ação a nível regional, não se deixando levar pelas pressões russas. É então a altura de analisar a política externa da Rússia, procurando indícios de que procurará reforçar a sua ligação com a Turquia.

A POLÍTICA EXTERNA DA RÚSSIA

Será útil procurar identificar uma mudança da política de poder da Rússia, não deixando de utilizar quando necessário o poder duro (*hard power*), mas reforçando ultimamente a utilização de estratégias de poder brando (*soft power*), procurando confirmar se existe na estratégia de ação externa da Rússia indicadores de que a Turquia constitui um dos seus objetivos estratégicos.

A análise da política externa russa no que diz respeito à sua estratégia para a utilização da arma energética e para a reposição da sua importância global, incluindo o seu rearmamento, pode também revelar a forma da Rússia agir junto de algumas potências regionais. A Rússia realmente tem procurado reforçar o papel da Turquia na região para assim melhor defender os seus próprios interesses aí. Entre outras medidas, a estratégia da Rússia para conter os planos de diversificação das suas fontes energéticas desempenhará um papel central na sua relação com a Turquia.

Na política externa da Rússia, conforme nota Raquel Freire (2013), o poder, seja na sua vertente política, seja na económica ou na militar, “assume uma componente mais objetiva sublinhando linhas de cooperação, competição, cooptação ou coerção”. Freire sublinha que tanto a nível do discurso oficial, a nível dos atos, o exercício do poder pela Rússia é exercido recorrendo a variados instrumentos e usando diferentes níveis de intensidade. A autora dá como exemplo o comércio e a energia, que tem sido usados como instrumentos de pressão política externa, nomeadamente no caso da Ucrânia (Freire, 2013: 9).

Já Samir Tata, outro autor que se debruça sobre a grande estratégia russa, afirma que para o Ocidente entender a Rússia deverá debruçar-se sobre alguns pontos cruciais. O primeiro é de que Putin atualmente aceita as realidades do fim do século XX e inícios deste século, ou seja, a Rússia perdeu a Guerra Fria e, como resultado, perdeu virtualmente todos os ganhos que tinha adquirido no decurso do fim da Segunda Guerra Mundial. Outro ponto sublinhado por Tata é de que a Rússia reconhece que não voltará a ter a oportunidade de ressuscitar o império czarista russo (Tata, 2014).

Raquel Freire, no seu artigo publicado em 2013, argumenta que apesar de haver coerência na prossecução da política externa russa, que se baseia na

assunção da Rússia como grande potência, e no reconhecimento desse estatuto de grande potência, tanto ao nível interno como externo, a análise dessa evolução tem mostrado “ambivalência em termos da operacionalização deste objetivo”. Essa ambivalência, afirma Freira, ora se traduz numa “política mais assertiva ora mais defensiva”, mas geralmente aparece em reação a acontecimentos e não correspondendo sempre a uma lógica coerente de aplicação da estratégia de política externa (Freire, 2013: 10).

Afirma Freira que a “projeção de poder, influência e prestígio da Rússia para além das suas fronteiras, e implicando o reconhecimento do estatuto de grande potência, é parte integrante da concetualização política desenvolvida internamente”. Para esta autora “a política externa russa tem-se focado na questão do reconhecimento internacional enquanto grande potência” (Freire, 2013: 13).

Ao referir-se à projeção do poder da Rússia desde 2013, Freire não releva a ligação com a Turquia. A política externa russa define-se por várias linhas de força, ou vetores, distribuídos por regiões. A região da Comunidade de Estados Independentes (CEI) é a área de maior importância vital para a Rússia. A região ocidental, onde Freire inclui os EUA, a UE e a Aliança Atlântica, e a região oriental, com a China, a Organização de Cooperação de Xangai (OCX) e a Índia, por exemplo, serão centrais, na sua perspetiva, e as prioridades imediatas russas depois da CEI. Só depois vem o Médio Oriente, que tem atraído só mais recentemente a atenção da política externa russa (Freire, 2013: 24). Freire, no entanto, nota que o Médio Oriente é uma nova prioridade da Rússia pois “a ‘Primavera Árabe’ e as consequências dos movimentos civis e políticos daí decorrentes, bem como a instabilidade no Médio Oriente”, terão contribuído muito claramente para a Rússia redefinir as prioridades da sua agenda (Freire, 2013: 24).

Na verdade, o Conceito de Política Externa da Federação Russa, aprovado pelo Presidente Putin em fevereiro de 2013, refere nominalmente vários países com os quais a Rússia pretende reforçar os laços em diversos campos (Russian Federation, 2013), mas a Turquia não aparece nomeada. Este “Conceito”, baseado noutros documentos anteriores, entre os quais a Estratégia de Segurança nacional da Rússia para o período até 2020, define como objetivos basilares da política externa russa a segurança do país, a criação de condições externas favoráveis ao crescimento económico da Rússia e à modernização tecnológica, a promoção ativa da paz internacional e da segurança e paz universais, a promoção de relações de boa vizinhança com Estados adjacentes, o desenvolvimento de parcerias com outros Estados com benefícios mútuos, facilitando a formação de uma rede de alianças flexíveis e não em bloco, com o ativo envolvimento da Rússia, o reforço da posição da Rússia no sistema global de comércio e economia. Propõe-se ainda alcançar outros objetivos, como assegurar uma proteção abrangente dos deveres e interesses legítimos dos cidadãos russos vivendo no estrangeiro, promover a língua russa e facilitar o desenvolvimento de um diálogo de civilizações construtivo para o desenvolvimento de acordo entre as variadas culturas e confissões e assegurar o seu mútuo enriquecimento (Russian Federation. 2013).

Ao debruçar-se sobre a relação entre a política externa russa e o mundo moderno, o texto do “Conceito” sublinha uma preocupação com o “reverso da medalha” dos processos de globalização devido à cada vez maior ênfase na identidade civilizacional. Criticando os desenvolvimentos recentes da situação política no Médio Oriente e Norte de África, aquele documento nota o desejo de se voltar às raízes civilizacionais, dinâmica claramente notada nos recentes acontecimentos daquelas regiões, onde a renovada política socioeconómica da sociedade tem sido com frequência levada sob a bandeira da afirmação perentória dos valores islâmicos (Russian Federation. 2013). Este ponto pode ser também uma velada censura à política recente de Erdogan, como Presidente da Turquia, de tentar paulatinamente reconduzir o Estado turco do republicanismo laico, herança de Atatürk, para uma vertente mais religiosa, levando ao aumento de prestígio junto dos Estados muçulmanos da região de uma potência vista como herdeira dos valores, inclusive religiosos, do antigo império otomano.

Para a Rússia, a governação regional deve emergir como uma base para o modelo “policêntrico” do mundo, que a Rússia deseja, quanto mais não seja para retirar aos EUA a sua inequívoca liderança mundial. Assim, novos centros de crescimento económico e de poder político estarão cada vez mais a tomar nas próprias mãos a responsabilidade pelas suas respetivas regiões. O “poder brando”, um conjunto de ferramentas abrangente para alcançar os objetivos da política externa através do potencial da sociedade civil, estará, na perspetiva russa, cada vez mais a tornar-se um componente indispensável das Relações Internacionais modernas.

A Federação Russa, no combate aos problemas que tem enfrentado, define no seu conceito de política externa uma série de prioridades. No que diz respeito à questão da emergência de uma nova ordem mundial, é de relevar, no contexto do objeto desta análise, que a Rússia dá grande importância a uma gestão sustentável do desenvolvimento global, o que requer liderança coletiva pelas potências relevantes do mundo, que, por sua vez, devem ser representativas em termos geográficos e civilizacionais, e respeitar completamente o papel central e de coordenação da ONU. Neste sentido, é intenção da Rússia aumentar a sua participação em grupos com o formato do Grupo dos Vinte (G20), os BRIC, o Grupo dos Oito (G8), a Organização de Cooperação de Xangai e outros.

No que diz respeito ao primado da Lei nas Relações Internacionais, a Rússia defende o reforço da base legal das Relações Internacionais. Para isso, afirma pretender, entre outras ações, apoiar os esforços coletivos para reforçar a base legal das relações entre os Estados (Russian Federation. 2013).

A Rússia também tem como prioridade reforçar a segurança internacional, pelo que procurará desenvolver um conjunto de ações e abordagens, como procurar soluções políticas e diplomáticas para os conflitos regionais (será o caso da Síria?) através de ações coletivas da Comunidade internacional, numa crença profunda de que os conflitos modernos não podem ser resolvidos pela força e que a sua resolução deverá ser alcançada através do diálogo inclusivo

e de negociações de todas as partes e não pelo isolamento de algumas delas. A Rússia afirma ter capacidade para facilitar o diálogo e a parceria entre culturas, religiões e civilizações, devido às suas características de Estado multinacional e multiconfessional com experiência de coexistência harmoniosa de diferentes nações e grupos étnicos e religiosos, experiência adquirida ao longo de séculos (Russian Federation. 2013).

No que diz respeito às prioridades de cooperação internacional na esfera da economia e ambiente, a Rússia pretende ser vista como um parceiro igual no sistema moderno das relações económicas internacionais, pelo que reforçará, entre várias outras medidas, a sua parceria estratégica com os principais produtores de recursos energéticos enquanto, ao mesmo tempo, promoverá ativamente o diálogo com países consumidores e de trânsito. É aqui que o interesse russo pela Turquia tem aumentado. E daqui resultam as diligências recentes de reforço da parceria estratégica com a Turquia, materializada por várias iniciativas, como a visita de Estado efetuada à Turquia em dezembro de 2014. Moscovo pretende levar a cabo medidas que assegurarão o estatuto da Federação Russa como potência crucial no trânsito comercial e no âmbito das relações económicas entre a Europa e a região Ásia-Pacífico. Aqui, uma vez mais, se demonstra a lógica de reforço das relações com a Turquia – constituindo a península da Ásia Menor uma passagem tradicional e natural da Ásia para a Europa.

Da análise das prioridades regionais da Rússia também se podem retirar alguns aspetos que demonstram a lógica do reforço da sua ligação à Turquia. A Rússia vê como prioridade a tarefa de estabelecer a União Económica Euroasiática, visando não apenas fazer o melhor uso dos laços económicos mutuamente beneficiadores no espaço da CEI, mas também tornar-se um modelo de associação aberto a outros Estados, um modelo que determine o futuro da Comunidade de Estados. Para isso (e para alcançar outros fins que não interessa aqui agora discriminar) a abordagem russa à interação abrangente com os seus parceiros nas regiões do Mar Negro e Mar Cáspio é baseada em finalidades e princípios da Carta da Organização de Cooperação Económica do Mar Negro e tem em consideração a necessidade de reforçar o mecanismo de cooperação entre os Estados da Bacia do Cáspio na base das decisões coletivamente tomadas.

O controlo sobre o acesso aos recursos de energia dos três mais relevantes países da Bacia do Cáspio (Azerbaijão, Cazaquistão, e Turquemenistão) é um componente crucial do poder da Rússia (tal como o controlo do acesso ao Golfo Pérsico é um elemento crucial para o poder dos EUA). Não é previsível que Moscovo tolere governos nesses três países que sejam considerados *hostis* (Tata. 2014).

Apesar de pretender manter prioridades definidas para a Eurásia e Médio Oriente, é de referir que a Rússia está interessada em melhorar a cooperação com a UE como seu principal parceiro comercial e económico. Nesse sentido, um objetivo de longo prazo é estabelecer um mercado comum entre a Rússia e a UE.

As prioridades regionais da Rússia passam ainda pelo entendimento de que partilha objetivos estratégicos com todos os Estados euro-atlânticos, incluindo membros da OTAN. Esses objetivos consistem na manutenção de paz e estabilidade e o enfrentar de ameaças comuns como terrorismo, ADM, pirataria marítima, tráfico de droga e desastres, naturais ou não.

Mas, por outro lado, a Rússia vê claramente que a salvaguarda do seu muito vulnerável flanco sul contra o avanço da OTAN tem de ser uma das características centrais da sua grande estratégia. De acordo com esta ideia, a Rússia tem tentado criar uma esfera de influência que inclui a Bielorrússia a sudoeste, a Ucrânia a sul e a Geórgia e a Arménia a sudeste (Tata. 2014). No mesmo sentido se deverá entender a recente anexação da Crimeia e o apoio aos rebeldes no leste da Ucrânia. Ao incorporar a Crimeia na Federação Russa, Moscovo assegurou que a sua base naval em Sebastopol, onde se aloja a sua esquadra do Mar Negro, continua fora do alcance da OTAN (Tata. 2014). Por outro lado a Rússia tem de assegurar que essa frota não terá impedimentos para chegar ao Mediterrâneo, através dos estreitos do Bósforo e de Dardanelos, e daí o reforço das relações com a Turquia. Essa ligação é também vital para a manutenção das instalações navais russas na Síria.⁶

Uma das mais relevantes e permanentes prioridades regionais da Rússia, pelo menos no interesse desta análise, é desenvolver uma cooperação abrangente, pragmática e equilibrada com os países do Sudeste europeu, onde a Turquia também se insere. A região dos Balcãs tem sido e continuará a ser de grande importância estratégica para a Rússia desempenhando um relevante papel como grande centro de distribuição (transporte e infraestruturas) de gás e petróleo para os países europeus.

Para lá desta região, no Médio Oriente e também no Norte de África, a Rússia afirma a sua vontade de contribuir para a estabilização da situação, sublinhando o seu interesse em promover a paz e a concórdia entre os seus povos, na base do respeito pela soberania, integridade territorial e não interferência nos seus assuntos internos. A Rússia afirma-se com vontade e continuar a desenvolver as suas relações bilaterais com os Estados do Médio Oriente e do Norte de África (Russian Federation. 2013).

⁶ A Rússia tem alugada uma pequena instalação naval de apoio no porto sírio de Tartus. É considerada pela Rússia como ponto de apoio técnico de material e não propriamente uma base. Mas este é o único local de apoio da marinha russa no Mediterrâneo, poupando aos navios a viagem pelos Estreitos para manutenção logística. As instalações podem acolher quatro navios de tamanho médio, se ambos os cais flutuantes de 100 metros e comprido estiverem operacionais. Não tem capacidade para acolher os grandes navios de guerra russos, que ultrapassam os largamente os 100 metros, como fragatas da classe Neustrashimyy, destroyers e cruzadores. No entanto este ponto perdeu importância com a possibilidade de a Rússia usar o porto cipriota de Limassol (a cerca de 10 milhas da Síria) e outros, conforme ficou estabelecido em acordo bilateral recente entre Chipre e a Rússia. Cf. Al-monitor. 2015.

EFEITOS DA RELAÇÃO TURQUIA-RÚSSIA NA SEGURANÇA E DEFESA DA UNIÃO EUROPEIA

A evolução da relação entre a Turquia e a Rússia tem efeitos inequívocos na política de segurança e defesa da UE. Poderá haver o perigo de a Turquia deixar de se preocupar com a defesa do flanco sudeste da UE, que decorre como uma espécie de corolário da sua presença na OTAN, vista como um incontornável e fiel aliado.

Dorian Jones, por exemplo, afirma que a decisão russa de cancelar o gasoduto para a Bulgária favorecendo a Turquia estaria a ser apresentada como uma importante vitória para Ankara nas suas ambições de se tornar um entreposto regional de energia (Jones. 2014), mesmo em detrimento de outros países, membros da UE e em contra-mão com os interesses da própria UE. Mas isso não será prejudicial para o ambiente de segurança da União Europeia? Por outro lado, conforme nota Jones, existirão crescentes dúvidas de quão vantajoso esse novo gasoduto será para a Turquia. No entanto, o memorando de entendimento assinado por Putin e Erdogan para construir o gasoduto de gás natural para a Turquia poderá vir a constituir um grande passo no sentido de se alcançar um objetivo estratégico turco, de acordo com Sinan Ulgen, do Instituto Carnagie em Bruxelas”, citado por Dorian Jones (2014).

Na verdade, não é claro que Ankara beneficie com um novo gasoduto russo, afirma um outro perito em energia, Emre Iseri, da Universidade Yasar de Izmir, Turquia. A Turquia tem a ambição de ser um entreposto na região. E ser um entreposto de energia significa ser mais do que um país de trânsito, nota Iseri (citado por Jones).

O que parece acontecer é existir um desejo da Rússia de estabelecer uma relação mais próxima com a Turquia e reforçar os laços de energia para afastar a Turquia da Europa e aproximá-la da posição russa. Para Ulgen (*apud* Jones. 2014), esta será certamente uma das motivações para o cancelamento do *South Stream* e para redirecionar essas vastas quantidades de gás natural para a Turquia.

Ao ligar-se à Rússia, a dependência energética da Turquia continuará a aumentar ainda mais, quando os russos construírem a primeira central nuclear turca (com um custo de 20 mil milhões de dólares financiado por empréstimos russos). Iseri afirma que tal dependência arrisca sacrificar o objetivo estratégico de Ancara de se tornar mais autónomo em energia.

Alguns analistas, Iseri, falam de dupla penalização, porque tanto no nuclear como no gás natural a Turquia ficaria dependente da energia russa. Assim, nesse caso haverá sem dúvida implicações políticas significativas na região, atendendo até a que a Turquia e a Rússia não têm nada em comum na região. No caso da Síria, de Nagorno-karabak, da Ucrânia, do Chipre, os dois países estão em diferentes campos. E a Turquia, ao tornar-se demasiado dependente da Rússia, enfraqueça as suas pretensões de se tornar um regulador da ordem na região. Este é um claro exemplo da Rússia a usar o seu poder brando para conseguir que a Turquia faça

o que ela quer, obtendo assim vantagem. Até agora, Ancara tem partilhado um objetivo político com a UE de redução da dependência do gás russo. Uma das concretizações dessa aspiração será o gasoduto Trans-Anatólia (*Trans Anatolian Natural Gas Pipeline* – TANAP), cuja construção deverá começar ainda este ano (2015) e que fornecerá gás do Azerbaijão à Turquia e à UE (Jones. 2014).

NOTAS FINAIS

A intensificação das relações da Turquia com a Rússia poderá vir a reforçar na verdade o papel da Turquia como ator regional. Por outro lado, esta aproximação à Rússia poderá ser um indicador de que a Turquia já está à procura de alternativas à adesão à UE. Apesar do entusiasmo com a perspectiva de vir a pertencer à União Europeia, a Turquia nunca deixou de procurar outras formas de afirmação, especialmente ao nível regional, mas a UE nunca ligou muito a isso. Agora, alguns indicadores, como a visita de Putin à Turquia em finais de 2014, chamaram a atenção de Bruxelas. Assim, se a Turquia vier a ter realmente reforçado o seu papel na região, isso será um pouco à custa de ter de passar a contar com a Rússia para decidir sobre questões importantes da sua política externa. E assim, a Turquia poderá vir a perder parte da sua liberdade de ação na região, ficando um pouco inibida para decidir qual a estratégia que melhor servirá os seus interesses.

Vimos que a Rússia tem usado de alguma perspicácia, melhor dizendo, de mecanismos de utilização do seu poder brando, e mesmo poder duro, para induzir a Turquia a fazer aquilo que de outro modo não faria, como indica Nye, ou simplesmente a levar a Turquia a estruturar e ajustar a sua agenda de acordo com os interesses russos. Um dos fatores que parece demonstrar a validade da aplicação deste modelo de análise de Nye à relação entre a Rússia e a Turquia é a declaração de Putin de fazer construir um novo gasoduto, em substituição do projeto South Stream (para não falar do defunto projeto do gasoduto Nabucco), dando aos turcos o controlo de uma boa parte do gás adquirido pela UE.

Alguns outros sinais chamam também a atenção para outras preocupações que devem ser devidamente tratadas em Bruxelas. A UE deve pesar muito bem as vantagens e inconvenientes de deixar a Turquia assumir uma estratégia para a sua região que não se possa integrar na política externa da UE para essa mesma região, deixando assim a UE de beneficiar de sinergias que o reforço da ligação à Turquia lhe iria evidentemente proporcionar. E se o abraço fraternal da Rússia à Turquia permite tornar este país mais importante a nível regional, é também um abraço que afasta mais a UE da liberdade de aceder às fontes energéticas que mais vantagens lhe proporcionam, reforçando ainda mais o poder russo no fornecimento de gás à UE, mesmo que por detrás de potências regionais como a Turquia.

Se, por um lado, Bruxelas tem vindo a prolongar no tempo o processo de

adesão da Turquia à UE, por outro parece ter sabido até agora manter o desejo dos turcos de acederem ao clube europeu. Mas esta capacidade poderá começar a esgotar-se quando se vão definindo cada vez com mais clareza os interesses de outras potências na região situada a nordeste da Europa. As recentes confirmações de que todo o Mediterrâneo Oriental é um vasto e rico campo de hidrocarbonetos, poderá não vir reforço das capacidades de segurança e defesa da UE, especialmente se a Turquia permanecer fora das suas fronteiras e, muito especialmente, se esta for cedendo à persuasão ou pressão do poder brando e mesmo do poder duro da Rússia ou de outros atores regionais.

Como se afirmou na parte inicial deste texto, o reforço das relações entre a Turquia e a Rússia poderá vir a ser prejudicial para a UE, não só frustrando o desejo de Bruxelas de abrandar a pressão russa sobre o mercado energético europeu, como criando ainda mais dificuldades a uma capacidade europeia de segurança e defesa que se mantém débil e que a UE não parece ter vontade ou ser capaz de reforçar.

BIBLIOGRAFIA

- Alhadeff, Iakovos. 2015. *Russia vs Turkey : The Geopolitics of the South and the Turk Stream Pipelines* [em linha] Disponível em: <https://iakal.wordpress.com/2015/05/29/russia-vs-turkey-the-geopolitics-of-tuth-the-turk-stream-pipelines/> [Consult. 3 Jul 2015].
- Al-monitor. 2015. *Cyprus port deal gives Russian navy alternative to Tartus* [em linha] Disponível em <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/03/russia-sanctions-europe-nato-economy-cyprus-mediterranean.html#> [Consult. 1Jul15]
- APF. 2014. "Erdogan hosts Putin to tighten Turkey-Russia Alliance" [Em linha] Disponível em: <http://www.timesofisrael.com/erdogan-hosts-putin-to-tighten-turkey-russia-alliance/> [Consult. 15 Dez 2014].
- Engdahl, F. William. 2015. *Geopolitics: Russia Turkey and the New Greek Sirtaki*. [Em linha] Disponível em: <http://hellasfrappe.blogspot.pt/2015/05/geopolitics-russia-turkey-and-new-greek.html> [Consult. 2 Jul 2015].
- Erimtan, Can. 2014. *Putin in Turkey: Russian Bear basking in Turkey's Crescent*. RT. [em linha] Disponível em <http://rt.com/op-edge/210771-putin-turkey-erdogan-gas/> [Consult. 2 Jul 2015].
- Freire, Maria Raquel. 2013. Política externa russa: as dimensões material e ideacional nas palavras e nas ações. E-cadernos ces [em linha] Disponível em <http://eces.revues.org/1554> ; DOI : 10.4000/eces.1554 [Consult. 22 Jun 15].
- Jones, Dorian. 2014. Russia-Turkey Pipeline Has Economic, Strategic Motives, *Voice of America*, <http://www.voanews.com/content/russia-turkey-pipeline-has-economic-and-strategic-motives/2554995.html> [Consult. 7 Jan 2015].
- Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation. 2015. *Comment by the*

- Information and Press Department on the interview with head of an 'unofficial' Turkish delegation given to the Anadolu Agency after visiting Crimea* [em linha] Disponível em: http://www.mid.ru/brp_4.nsf/0/E65CDF586375C5C043257E6A0022C97C [Consult. 22 Jun 2015]
- Nye, Joseph S. 2011. *The Future of Power*. New York: Public Affairs.
- Republic of Turkey, Ministry of Foreign Affairs. 2014a. *Synopsis of the Turkish Foreign Policy*. [Em linha] Disponível em : <http://www.mfa.gov.tr/synopsis-of-the-turkish-foreign-policy.en.mfa> [Consult. 4 Dez 2014].
- Republic of Turkey, Ministry of Foreign Affairs. 2014b. *Turkey's Energy Strategy*. [Em linha] Disponível em: <http://www.mfa.gov.tr/turkeys-energy-strategy.en.mfa>, [Consult. 4 Dez 2014].
- Tata, Samir. 2014. *Kremlinology 2.0: Deconstructing Russian Grand Strategy* [em linha] Disponível em <http://www.isn.ethz.ch/Digital-Library/Articles/Detail/?id=185686> [Consult. 4 Dez 14].
- Tharoor, Ishaan. 2014. *How Russia's Putin and Turkey's Erdogan were made for each other*. The Washinton Post [em linha] Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/12/02/how-russias-putin-and-turkeys-erdogan-were-made-for-each-other/> [Consult. 2 Jul 2015].
- Times of Israel. 2014. "Erdogan hosts Putin to tighten Turkey-Russia Alliance" [Em linha] Disponível em: <http://www.timesofisrael.com/erdogan-hosts-putin-to-tighten-turkey-russia-alliance/>, [Consult. 15 Dez 14].
- Today's Zaman. 2014. EU to Press Turkey on ISIL and Russian sanctions. [Em linha] Disponível em: http://www.todayszaman.com/diplomacy_eu-to-press-turkey-on-isil-and-russian-sanctions_366281.html, [Consult. 14 Dez 2014].
- Zeyrek, Deniz. 2014. *I am fed up with the Bulgarians,' Putin tells Erdoğan*, in <http://www.hurriyetdailynews.com/i-am-fed-up-with-the-bulgarians-putin-tells-erdogan.aspx?pageID=238&nID=75182&NewsCatID=510>, [Consult. 15 Dez 2014].